Teste da renda

Riscos e incertezas sempre marcaram a atividade rural, sem instrumentos que efetivamente garantam a renda do setor

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

A safra de verão 2000/01 de cereais e oleaginosas alça o vôo para um recorde certo. Embaladas pelas vendas de insumos e máquinas, as áreas dão sinais de crescimento. Combinando-se a isso fatores climáticos favoráveis, a colheita poderá galgar o patamar dos 90 milhões de toneladas.

Se o céu não é de brigadeiro – pois as *commodities* agrícolas andam com cotações em baixa e os estoques em níveis razoáveis no mercado internacional – pelo menos o setor demonstra uma vitalidade que parecia perdida desde 1994/95.

Produção e renda

A hipótese a ser trabalhada é a de uma produção generosa. Seus efeitos serão positivos na recomposição dos estoques nacionais, praticamente zerados após beirar 15 milhões de toneladas em 1996. As importações de bens agrícolas também deverão se reduzir, economizando o país preciosas e escassas divisas. Nesse cenário virtuoso, para o produtor fica a questão angustiante: uma colheita maior significará mais renda?

Ao sabor das livres forças de mercado, renda e produção na agricultura raramente andam no mesmo sentido e intensidade. Tudo depende de seu impacto na oferta e demanda dos bens, quase sempre em movimentos opostos. Sem instrumentos para minimizar riscos de desabamento dos preços e incertezas de quebras na colheita, o agricultor fica numa posição bem vulnerável.

Seja ou não tarde para isso, os tomadores de decisão do agribusiness, do governo ou da iniciativa privada, devem olhar com carinho a formação de renda setorial no próximo ano. Caso se encontrem saídas para o estabelecimento de políticas públicas e instrumentos de mercado para sustentação da renda nos cereais e oleaginosas, as expectativas são promissoras.

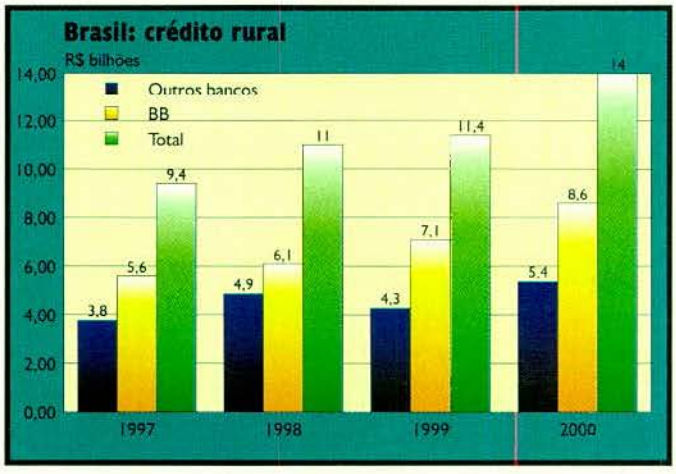
As condições atuais sopram a favor de um crescimento consistente de médio prazo. Uma esperança sempre nutrida, mas nunca alcançada: nos últimos 20 anos, a safra nacional caminha aos soluços, com altas e baixas momentâneas.

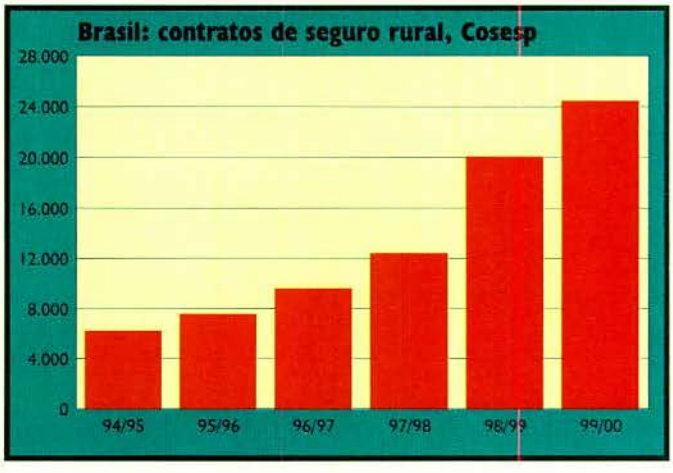
Dificuldades e paliativos

Paira ainda na agricultura uma larga pendência relativa ao pagamento dos créditos rurais. De natureza complexa e demorada, a solução para essa pendência ainda não foi encontrada.

A securitização e o Programa Especial de Saneamento de Ativos (Pesa) serviram para amenizar a situação. Foram paliativos. Em valores de maio último, as dívidas remontam a cerca de R$32 bilhões, dos quais dois terços com o Banco do Brasil e um terço com os bancos privados. No Banco do Brasil, 21,4% dos mutuários, com operações correspondentes a 36,7% do total, aderiram à securitização e ao Pesa.

Quanto aos recursos anunciados para a safra, persiste a dúvida





sobre se os valores são novos ou renegociados. A tomada de crédito tem ficado abaixo do prometido, porque os agricultores não possuem cadastro suficiente para absorver outras operações. Já vimos esse filme nas temporadas 1998/99 e 1999/00.

Recursos à vista

A safra 2000/01 foi beneficiada com a redução dos recursos compulsórios dos bancos retidos pelo Banco Central: em setembro de 1999 caiu de 75% para 65%; em março de 2000 recuou para 55% e em junho para 45%. Outras reduções são esperadas ainda para este ano. Isso evidentemente estimula a economia rural e os agronegócios com mais dinheiro da conta exigibilidade: 25% dos depósitos à vista à taxa de juros de 8,75% ao ano.

Pelos cálculos do Banco do Brasil, R$1,5 bilhão serão alocados aos agricultores de seus depósitos à vista. O valor supera em 30% o liberado no ano passado. Já a Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) calcula a liberação de R$5,45 bilhões da exigibilidade, em torno de 28% superior ao montante da safra passada. No total, as contas somam cerca de R$14 bilhões, quase 23% acima dos R$11,3 bilhões de 1999.

Existem outras fontes de recursos para custear a safra. É o caso da chamada 63 caipira. Depois de ter alcançado o topo em 1998/99, com R$600 milhões, minguou na temporada 1999/00 e caiu para R$18 milhões. Sendo dinheiro tomado no estrangeiro, a turbulência cambial e a piora na avaliação do risco Brasil contiveram sua tomada. Com a volta da confiança dos mutuários, a recuperação econômica e um câmbio mais estável, o Banco do Brasil trabalha com a perspectiva das operações chegarem a R$300 milhões até o final do ano. Entre janeiro e julho o valor ficou em R$180 milhões.

A cédula e o seguro

Há ainda as duas modalidades da Cédula do Produtor Rural (CPR): a que prevê liquidação financeira, com entrega física do produto no vencimento do contrato, e a de exportação, para cooperativas e produtores realizarem diretamente as exportações. Todos são títulos com aval bancário. Nos oito primeiros meses do ano, os negócios com CPRs ficaram perto de R$324 milhões, 237% acima de 1999, quando o papel movimentou R$146 milhões. Até o fechamento do ano esse valor poderá ultrapassar R$500 milhões.

Fora da área de financiamento, o seguro rural, embora incipiente no país, vem mostrando um desempenho favorável. Os contratos nos últimos seis anos tiveram uma evolução de 285%. Ainda assim, o volume segurado significa muito pouco em relação ao valor bruto da produção agrícola nacional. Enquanto o setor movimenta a cada ano US$1,8 bilhão nos Estados Unidos, US$803 milhões na França e US$50 milhões no México, aqui gira em torno de US$22 milhões.

E-mail: regis@fgv.br e pinazza@agroceres.com.br

Mundo: seguro rural – 1999

País	Área cultivada ha milhões	Volume de prêmio	Subsídios de prêmio
EUA	181,1	1.800	50
Brasil	45,4	22	0
México	27,3	50	30
Espanha	19,2	230	47
França	18,5	830	0
Alemanha	12,1	130	0
Portugal	2,9	55	65

Fonte: Munchener Runk.

Banco do Brasil: Programa Especial de Saneamento de Ativos

	Faixa em R$					
	Até 200 mil	200.001– 500 mil	500.001– 1 milhão	1.000.001– 2 milhões	Acima de 2 milhões	Total
Número de mutuários	2.359	634	282	166	163	3.604
%	65	18	8	5	5	100
Valor em R$ mil	149.270	204.850	195.570	230.680	1.329.070	2.109.440
%	7	10	9	11	63	100
% de mutuários no Pesa	0,3	6,0	13,6	–	15,1	–

Banco do Brasil: recursos para a agricultura

	Faixa em R$						
Saldo crédito rural, maio 1999	1–10 mil	10.001– 50 mil	50.001– 200 mil	200.001– 500 mil	500.001– 1 milhão	Acima de 1 milhão	Total
Número de mutuários	513.658	134.774	38.446	10.530	2.071	2.178	701.658
%	73,21	19,21	5,48	1,50	0,30	0,31	100,00
Valor em R$ mil	1.413.440	3.848.580	4.992.170	3.487.240	1.376.010	8.892.200	24.009.640
%	5,89	16,03	20,79	14,52	5,73	37,04	100,00
Dívidas rurais securitizadas							
Número de mutuários	69.547	44.547	24.268	7.586	162	172	146.292
%	47,54	30,45	16,54	5,19	0,11	0,12	100,00
Valor em R$ mil	238.940	1.076.560	2.516.860	1.904.410	108.780	958.960	6.804.530
%	23,63	15,82	36,99	27,99	1,60	14,09	100,00
% mutuários na securitização	10,20	33,10	63,10	72,04	7,80		